

A evolução da paisagem urbana de Braga desde a época romana até à Idade Moderna.

Síntese de resultados

Maria do Carmo Ribeiro*

Introdução

Braga inclui-se no conjunto de cidades europeias que possui uma longa tradição histórica. Nos seus mais de 2000 anos de existência, a cidade conheceu um processo de formação específico que determinou muitas das suas características morfológicas actuais. Na realidade, a cidade de Braga é hoje o resultado de um percurso complexo, onde distintas "cidades" se foram edificando ao longo dos tempos, num espaço em se encontram e se entrelaçam diferentes marcas e vestígios materiais dos seus sucessivos períodos de ocupação.

* Professora Auxiliar do Departamento de História e colaboradora da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho; Investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT); mcribeiro@uaum.uminho.pt.

O nosso estudo procurou analisar a morfologia urbana que caracterizou a cidade nos diferentes momentos do seu percurso histórico, atendendo à correlação existente entre a topografia, a forma e a funcionalidade dos diferentes espaços que deram expressão ao plano urbano (ruas, parcelas, quarteirões, edificado). Paralelamente, pretendeu-se identificar e compreender as transformações ocorridas no tecido urbano ao longo tempo, dando particular destaque às alterações estruturais e/ou específicas que a cidade conheceu ao longo do seu processo histórico, tendo-se procurado verificar igualmente as continuidades e/ou descontinuidades urbanísticas existentes entre os distintos momentos de ocupação da cidade. Por fim, e para a concretização dos objectivos enunciados, procurámos igualmente exercitar uma metodologia válida para estudar o espaço físico de uma cidade histórica, que permita perceber como é que as cidades se alteram para dar resposta aos novos desafios que lhe são colocados nos diversos momentos da sua existência (Choay 1970).

Subjacente ao estudo da morfologia das cidades históricas está a utilização de uma metodologia multidisciplinar que privilegie um conjunto de instrumentos de análise fornecidos por diferentes áreas do conhecimento, designadamente, pela História e pela Arqueologia, mas, também, pela Geografia, pela Arquitectura e pelo Urbanismo (Allain 2005; Caniggia & Maffei 1984; Capel 2002; Panerai *et al.* 2005; Panerai *et al.* 1983). Foram, aliás, estas últimas áreas que permitiram, nas décadas passadas, identificar os elementos que compõem o espaço físico das cidades, como sejam, o plano urbano, o sistema viário, as parcelas, os quarteirões e o edificado, elementos que foram sistematicamente analisados ao longo do nosso estudo, para caracterizar a evolução morfológica de Braga (Ribeiro 2008).

Todavia, analisar o espaço urbano, tentando desmontar as diferentes formas que se sucederam ao longo dos tempos e perceber as sucessivas alterações ocorridas, constitui um enorme desafio que requer, necessariamente, a articulação de diferentes fontes de informação. Na verdade, não podemos esquecer que o passado chega até nós de forma fragmentada e indirecta, seja através dos vestígios materiais recuperados pela Arqueologia, pelos documentos escritos, pelas representações iconográficas e cartográficas, ou mesmo até pelos vestígios materiais que se conservaram, muitas vezes camuflados, na estrutura das cidades actuais. Por isso, o conhecimento da morfologia das

idades será tanto mais aproximado quanto maior for a diversidade de fontes utilizadas, na certeza de que a restituição resultante do seu cruzamento será sempre incompleta.

Inserindo-se no âmbito das áreas disciplinares que valorizam o espaço urbano como facto histórico, este trabalho reflecte precisamente as limitações enunciadas. De facto, usando várias fontes, foi possível elaborar sucessivas planimetrias de Braga, correspondentes às diferentes fases de desenvolvimento da cidade, desde a sua forma prístina até ao século XVI. No entanto, apesar das vantagens decorrentes do facto de analisarmos uma cidade com características e documentação particulares, temos consciência das debilidades do exercício realizado, muito embora se entenda que o tipo de abordagem ensaiado poderá ser usado no estudo de outras cidades históricas.

Para além de ter sido possível olhar a morfologia do espaço urbano bracarense, em termos de longa duração, sobretudo numa faixa temporal ainda pouco estudada no nosso país, situada entre a época romana e o século XVI, facto que permitiu observar o modo como se foi (r)estruturando o referido espaço, tivemos oportunidade de ensaiar, neste trabalho, uma metodologia de análise que se revelou particularmente útil na ausência de outros dados empíricos e que julgamos aplicável a outros casos de estudo.

Condições particulares de Braga

A cidade de Braga dispõe de condições privilegiadas para realizar um trabalho de análise morfológica urbana, das quais destacaríamos as três que mais influenciaram a nossa abordagem.

A primeira relaciona-se com o facto de Braga ter sofrido até ao século XIX uma evolução topográfica e morfológica pouco significativas, mas, simultaneamente canónicas, uma vez que a Braga do século XIX não seria substancialmente diferenciada da Braga do século XVI e esta, por sua vez, distinguia-se pouco da Braga medieval. Por outro lado, as mudanças registadas na cidade, entre

finais da Idade Média e o século passado, correspondem a alterações características do Renascimento e do século XVIII, estando morfologicamente muito bem individualizadas e, nalguns casos, topograficamente descentradas. De facto, apesar das profundas alterações ocorridas no século XIX, com a abertura de algumas grandes artérias que regularizaram parte do sistema viário de matriz medieval, e da conseqüente destruição do correlativo parcelamento, a preservação temporal do tecido urbano de Braga pode considerar-se notável.

A segunda condição interliga-se com a anterior e resulta do facto de Braga possuir um importante acervo de fontes iconográficas e cartográficas, de diferentes séculos, que permitem avaliar de forma algo continuada as alterações ocorridas na morfologia do espaço urbano, entre o século XVI e o XIX, sendo certo que a estrutura da cidade quinhentista, extraídos os elementos da reforma de D. Diogo de Sousa, reflecte as características da Braga medieval. Assim, estas fontes assumem uma particular importância, pois permitem uma análise regressiva da estrutura do espaço urbano bracarense.

A terceira relaciona-se com o facto da cidade dispor de um notável conjunto de dados arqueológicos resultantes de uma investigação consolidada ao longo de mais de trinta anos de escavações consecutivas. Trata-se, naturalmente, de uma situação particular, pois poucas cidades históricas portuguesas, com origem romana, dispõem de elementos tão substantivos para ensaiarem uma restituição do seu plano urbano romano e verificarem a persistência ou alteração do mesmo, relativamente à planimetria das cidades posteriores. No caso de Braga, a arqueologia faculta uma análise da evolução da planimetria de *Bracara Augusta*, entre a sua fundação e a Alta Idade Média. De facto, as evidências materiais recuperadas permitem restituir as transformações ocorridas entre o Alto e o Baixo-império e entre este e o século VIII, na sequência dos processos históricos relacionados a vida do Império e da cidade (Martins 2004; 2006). A leitura topográfica dessas transformações permite restituir as características da primitiva cidade medieval, cuja evolução pode ser valorizada através da documentação histórica, mas, também, pelos vestígios materiais conservados na morfologia da cidade nos séculos posteriores.

Podia sublinhar-se ainda que, de certo modo, a Braga medieval se situa numa posição charneira entre uma leitura arqueológica continuada do espaço, com

base nos vestígios materiais e uma análise dos dados fornecidos pelas fontes iconográficas que permitem, numa abordagem regressiva, elaborar uma proposta de planimetria para a formação e evolução do núcleo urbano medieval.

Alguns dos dados materiais que permitiram documentar o plano da cidade medieval foram obtidos através de levantamentos cartográficos de pormenor realizados nos quarteirões, nas parcelas e no próprio edificado da cidade actual. A aplicação desta metodologia permitiu recuperar e registar um conjunto de evidências materiais e de marcas fossilizadas, visíveis à superfície, ou integradas em construções, associadas à muralha, ao parcelamento e ao sistema viário medievais.

De facto, as cidades constituem verdadeiros palimpsestos morfológicos, pelo que a identificação dos elementos caracterizadores dos seus diferentes planos conservados, carece de uma observação atenta da cidade actual, sendo indispensável proceder ao seu registo e consequente interpretação e contextualização.

Cruzamento de diferentes fontes de informação

A forma urbana de Braga na época romana foi recuperada com base nos vestígios arqueológicos disponíveis, enquanto a restituição da Braga medieval beneficiou de uma análise cruzada dos dados, propiciados pela iconografia e cartografia dos séculos posteriores, com as evidências materiais fossilizadas no plano urbano actual.

Que a cidade medieval reaproveitou os traços morfológicos da cidade romana, bem evidentes nalguns dos arruamentos do bairro medieval das Travessas, é hoje um dado adquirido, aliás, já afirmado por outros investigadores. De facto, a cidade medieval, que se formou no sector da antiga cidade romana, não só herdou a sua orientação, como se organizou em função dos seus antigos quarteirões, muito embora aqueles tivessem perdido, de há muito, a sua original planta quadrangular.

Sendo certo que a projecção da planimetria urbana da cidade romana se encontra facilitada pela existência de estruturas materiais que, pela sua natureza, podem ser contextualizadas e georreferenciadas, a massa edificada moderna que se sobrepõe ao espaço da cidade medieval, dificulta a recuperação das evidências arqueológicas que poderiam comprovar o plano urbano medieval, sugerido pelos restos materiais conservados e pelas fontes iconográficas e cartográficas.

A posposta elaborada para a planimetria medieval beneficiou do contributo de um conjunto seleccionado de fontes documentais que, não fornecendo dados susceptíveis de serem cartografados, permitiram, todavia, compreender o processo de formação e a evolução da cidade, designadamente no que se refere às sucessivas ampliações da muralha e ao sistema viário que as acompanhou.

O estudo realizado acerca da morfologia da cidade moderna valorizou, igualmente, a análise do tecido histórico construído, privilegiando as alterações urbanas que ocorreram nos espaços extramuros e o crescimento registado para a periferia. De facto, o plano actual da cidade, a documentação iconográfica e cartográfica bem como a análise do edificado possibilitaram documentar as inovações introduzidas na cidade durante o século XVI, as quais se fizeram sentir sobretudo na metade norte da antiga cidade medieval, definida pela cerca fernandina.

O estudo da morfologia urbana torna-se particularmente mais fácil com o aparecimento das primeiras representações cartográficas, surgidas no século XVI. Neste domínio, a cidade de Braga passou a dispor, a partir de então, de um conjunto de documentos iconográficos, alguns de grande valor estético, que permitem documentar, não só o plano urbano, mas, também, as características do edificado.

Não tendo sido nosso objectivo realizar um estudo aprofundado da Braga moderna, tal como fizemos para os períodos anteriores, procurámos, tão só, analisar o processo de urbanização dos espaços periféricos, surgidos devido à perda da funcionalidade defensiva da muralha e à abertura de novas praças e ruas, elementos que se encontram documentados no Mapa de Georg Braun, comumente designado de *Mapa de Braunio* (1594), mas, também, na icono-

grafia e cartografia dos séculos XVIII e XIX. A concretização do nosso objectivo foi realizado tendo por base o estudo do edificado actual que se localiza nos novos espaços surgidos no século XVI, através do qual procurámos avaliar as alterações ao nível do parcelamento e do edificado.

A análise das fachadas das construções actuais permitiu compreender o processo de transformação do edificado, facultando a identificação das características arquitectónicas medievais, renascentistas e barrocos, bem como a identificação das alterações contemporâneas. Este tipo de abordagem constitui um amplo campo de investigação a valorizar no âmbito dos estudos de História urbana, sendo válido a partir da Idade Média (Ribeiro 2008).

O estudo realizado teve em vista compreender a génese e evolução da cidade de Braga ao longo de um amplo período cronológico, que contempla três grandes momentos na história do urbanismo europeu, representados por três concepções bem diferenciadas do espaço urbano, geradoras de três modelos de cidades: a cidade romana planificada; a cidade medieval fortificada e a cidade moderna influenciada pelos ideais renascentista (Morris 1992; Mumford 2004).

Evolução da paisagem urbana de Braga

A cidade romana

A cidade romana de *Bracara Augusta* encontra-se documentada arqueologicamente por três momentos históricos diferenciados, que resultam de diferentes conjunturas políticas. O primeiro relaciona-se com a sua fundação augústea, nos inícios do Império. O segundo, articula-se com a sua promoção a capital da província da Galécia e com a construção de uma poderosa muralha, factos que se associam à reforma administrativa e militar empreendida por Diocleciano, nos finais do século III/inícios do IV. Finalmente, o terceiro momento decorre da progressiva difusão do Cristianismo e da instalação dos Suevos, em Braga,

nos inícios do século V e das conseqüentes perturbações relacionadas com as incursões visigóticas (século V/VI) e muçulmanas (século VIII).

Na fase romana estamos perante a edificação de um centro urbano *ex novo*, planificado, assente numa estrutura pensada do espaço urbano, que se prolonga na organização cadastral do território envolvente¹. A cidade alto-imperial de *Bracara Augusta* tem que ser entendida dentro do quadro natural e geográfico da região do NO peninsular em que se insere, sendo beneficiária de condições topográficas particulares, de uma boa rede de comunicações, fluviais e terrestres que a ligavam ao território envolvente, bem como da prosperidade da região em que se situava (Lemos 1999; 2002).

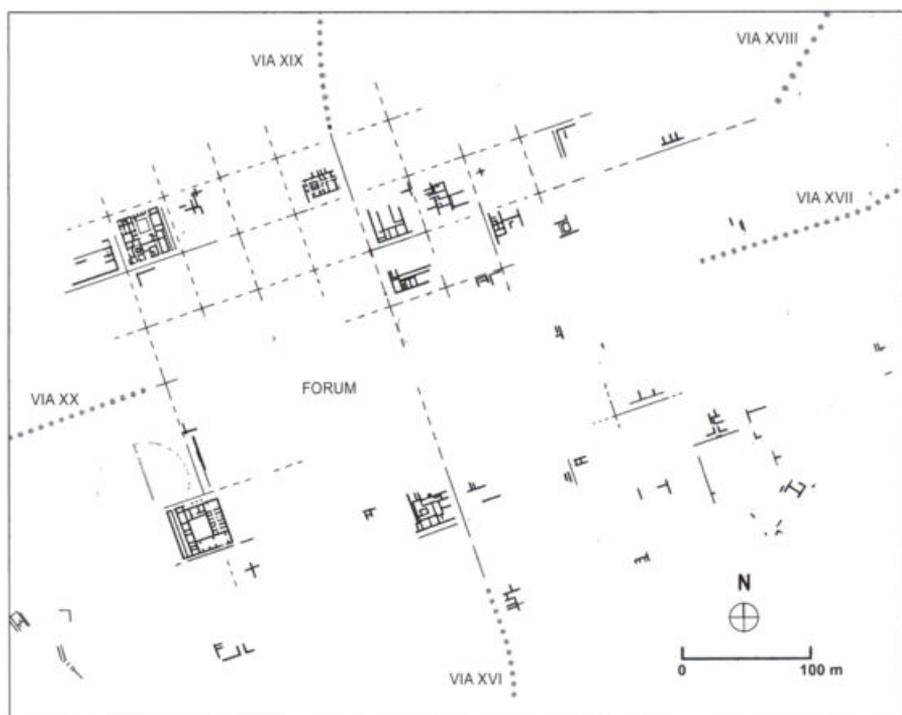


Figura 1 – Malha urbana teórica da cidade romana de *Bracara Augusta*.

A eleição criteriosa do local para fundar a cidade, sem ocupação anterior e com características topográficas facilmente adaptáveis ao modelo ortogonal, é desde logo sugestiva do cuidado havido com a elaboração do plano urbano, que será progressivamente urbanizado e monumentalizado (Martins 2000; 2004; 2006).

O modelo da cidade alto imperial de *Bracara Augusta* insere-se dentro da concepção geral das cidades romanas planificadas. Trata-se, portanto, de uma cidade ortogonal, com quarteirões regulares e eixos viários estruturantes, um centro ou *forum*, como espaço basilar do poder ideológico e político instituído, um conjunto de edifícios e espaços públicos que servem os cidadãos (termas, teatro, anfiteatro, pórticos, circo, templos) e edifícios residenciais integrados nos quarteirões. O plano unitário regular, orientado no sentido NO/SE e SE/NO, muito provavelmente com uma forte relação com os eixos principais do cadastro rural, terá sido planeado para uma área urbana sensivelmente inferior à definida pela muralha que será construída nos finais do século III/inícios dos século IV.

O plano alto imperial vai evoluir em função da introdução de novos elementos estruturais, designadamente com a construção da muralha tardia, nos finais do século III/inícios do IV (Lemos *et al.* 2007) e com a introdução de elementos urbanos de carácter cristão, que tiveram repercussões directas na morfologia urbana da cidade (Fontes *et al.* 2009), articulando-se com os segundo e terceiro momentos históricos da cidade, anteriormente referidos.

De facto, a topografia tardo antiga adapta-se a imperativos de ordem defensiva, que se sobrepõem e adulteram o plano urbano anterior. Deste modo, encerram-se algumas ruas, que perdem funcionalidade, enquanto a construção avança sobre pórticos e eixos viários, agora desafectados da circulação. No Baixo-império, a cidade transforma-se e adapta-se morfologicamente, permanecendo, todavia, como núcleo urbano estratégico, vendo mesmo aumentar o seu poder, pois ascende a capital da nova província romana da Galécia, facto que justificará a intensa vida administrativa, económica e cultural que Braga conheceu no século IV.

A adopção do Cristianismo como ideologia religiosa única originará a paulatina introdução de edifícios de carácter cristão que se irão estabelecendo em edifícios e espaços públicos anteriores, determinando a transformação funcional e arquitectónica dos mesmos. Todavia, será sobretudo na periferia urbana,

junto das vias e necrópoles, que estes novos edifícios irão surgir de forma mais sistemática. Referimo-nos, concretamente, aos novos centros de culto, como S. Vicente, S. Vitor e S. Pedro de Maximinos. A construção de locais de culto cristão marcará o terceiro momento de transformação morfológica da cidade romana, que culminará no século XI com a construção da Sé Catedral.

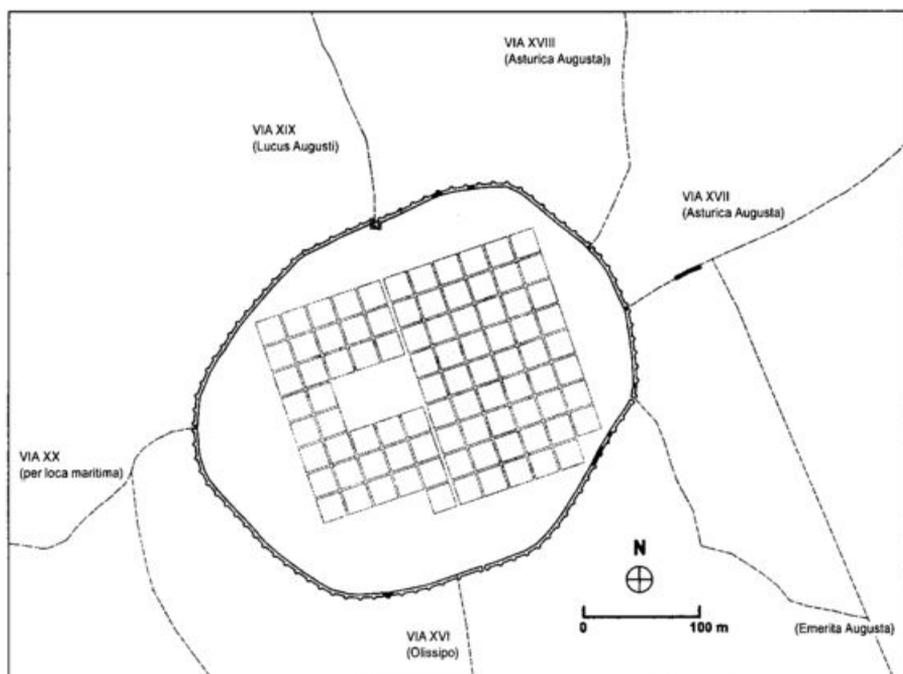


Figura 2 – Plano urbano da cidade de Braga no Baixo-Império.

A alteração do poder político, determinada pela dominação sueva, a partir do século V, não se fará aparentemente sentir nem na economia, nem na ocupação urbana, que registam perfeita continuidade. Nos espaços intramuros os edifícios foram remodelados e as necrópoles ao longo das vias continuaram em utilização. A actividade comercial está igualmente testemunhada pela actividade produtiva e pelas importações.

Talvez só a partir do século VIII se possa falar com propriedade do abandono definitivo de áreas intramuros, o qual terá sido acompanhado pela concentração de população no quadrante NE da cidade. Esta área, protegida a norte pela muralha romana, terá tido como pólo de atracção a basílica paleo-cristã da Sé, vindo a ser fortificada na parte sul e oeste por uma cinta defensiva, construída em época ainda indeterminada. Por sua vez, na área extramuros verifica-se o fenómeno da emergência de igrejas, com grande probabilidade associadas a mártires, que tendem a constituir-se como pólos de desenvolvimento de aglomerados populacionais que darão origem às paróquias medievais da área suburbana.

A cidade medieval

O processo de evolução da cidade romana culminará com o abandono de parte do núcleo amuralhado e a progressiva fixação da população em torno de edifícios de carácter cristão, criados na periferia, mas, também, intramuros, como acontece com a basílica paleo-cristã, existente sob a actual Sé Catedral, adaptada de um edifício romano anterior (Fontes *et al.* 1997-98). Desconhecendo-se por ora a existência de outras basílicas na área intramuros, podemos admitir, com alguma probabilidade, que, na área envolvente da Sé, tenham passado a residir as elites religiosas da cidade que se tornou sede de bispado, entre os séculos IV e V. De facto, a documentação canónica testemunha a existência de um bispo em Braga, apenas a partir dos inícios do século V.

Tendo por base os dados arqueológicos, parece aceitável que o centro urbano da Alta Idade Média se tenha constituído, algures entre os séculos VIII-XI, numa pequena área, situada no quadrante nordeste da cidade romana, estando limitada a norte por parte do circuito da muralha romana, em cujas imediações havia sido construído, entre os séculos IV/V, o centro religioso cristão da cidade, constituído pela basílica paleo-cristã, certamente alvo de sucessivas transformações até à consagração da Sé Catedral, no século XI.

A arqueologia testemunha que a primitiva cidade medieval reutilizou o traçado norte da muralha romana, até ao século XIV, muito embora seja impossível determinar a data da construção do perímetro sul da fortificação medieval, podendo este ser anterior ao século XIII, altura em que surgem as primeiras referências escritas ao alargamento da cerca medievá, para nordeste.

A primitiva cidade medieval reaproveitou um número considerável de eixos viários do plano romano, presentes no quadrante nordeste da anterior cidade, estando, todavia, sujeita a processos de crescimento espontâneo, que originaram a transformação dos quarteirões e alguns desvios na orientação dos eixos viários romanos. O núcleo urbano medieval encerrou em si mesmo uma nova concepção de espaço que, por sua vez, obedeceu a um novo conceito histórico e ideológico de cidade, que admite formas de crescimento orgânico, polarizadas em função dos novos edificadros de prestígio. A construção da Sé Catedral, que se arrastará por muitos séculos, atrairá necessariamente mais população que, por sua vez, originará novos edifícios e o crescimento do aglomerado para além dos limites iniciais.

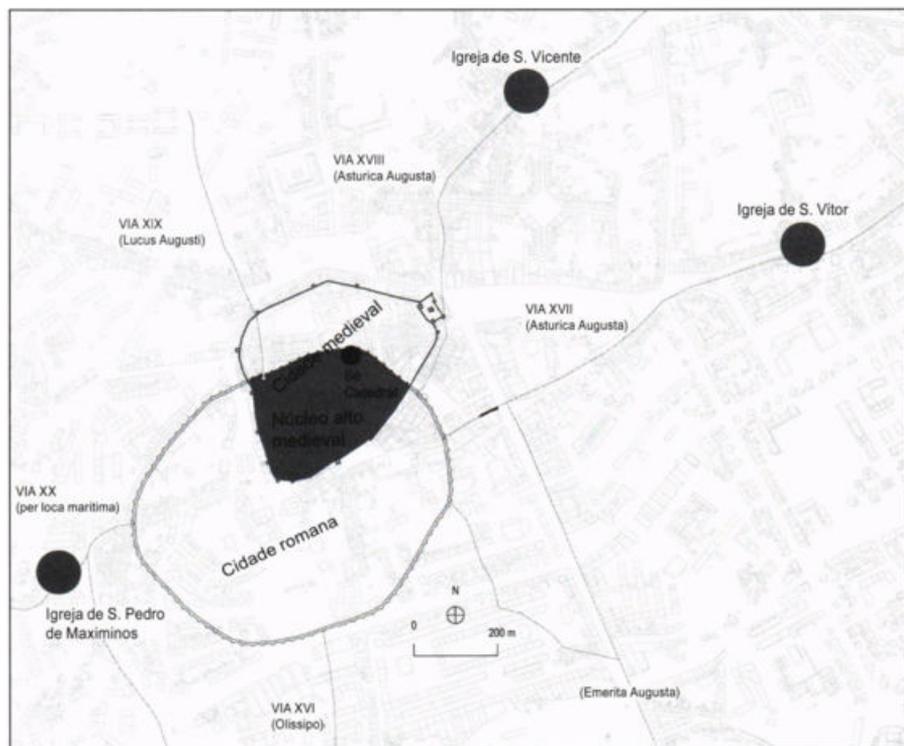


Figura 3 – Planimetria geral do território desde a época romana até à Idade Média.

O desenvolvimento do espaço urbano intramuros acompanhará as sucessivas fases de construção e o alargamento do perímetro amuralhado até ao momento em que serão definitivamente fixados os seus limites, no século XIV, favorecendo, deste modo, a paulatina formação do sistema viário e a consequente edificação das parcelas que lhe são contíguas. Deste modo, o plano da cidade medieval apresenta claramente dois tipos de organização em resultado da sua própria génese. Na área em que a cidade se sobrepõe ao plano romano, e apesar dos processos de crescimento espontâneo aí ocorridos, as ruas e os quarteirões destacam-se pela regularidade, enquanto nas áreas que resultaram da integração intramuros de anteriores zonas rurais periféricas, o tecido urbano caracteriza-se por eixos viários mais sinuosos e quarteirões claramente irregulares.

De facto, encontramos ruas bastante regulares, algumas praticamente rectilíneas, que decalam os antigos cardos romanos, como acontecia com a Rua Verde ou com a Rua D. Gualdim, existindo outras que correm nos espaços dos antigos quarteirões romanos, segmentando-os, mantendo a orientação e a regularidade do plano anterior, como acontecia com a Rua das Travessas ou a Rua da Erva. O segundo tipo de ruas, mais irregulares e sinuosas, decorre de uma adaptação espontânea aos caminhos preexistentes, situação que se encontra bem documentada nas ruas que foram incluídas nos sucessivos perímetros da muralha, como a Rua de Janes. Irregulares são, também, as ruas que resultaram da adaptação à topografia da muralha, como a Rua do Postigo, a Rua Nova ou a Rua da Sapataria. Por fim, ainda dentro deste último tipo, existem ruas que constituem mini-corredores de circulação, cuja funcionalidade servia o edificado, como aconteceu com aqueles que envolveram a Sé Catedral nas suas sucessivas ampliações, como sejam a Rua de Oussias ou a Rua da Olaria.

Um aspecto característico do sistema viário medieval está representado pelo aumento do número de topónimos que se refere às ruas. Muito embora o espaço físico das ruas se mantenha, elas passam a conhecer nomes diferentes em pequenos troços das mesmas, quando, anteriormente ao século XV, o nome se referia à artéria em toda a sua extensão, mantendo-se muitas vezes de ambos os lados de uma rua transversal. Como exemplos podem referir-se os casos da Rua da Triparia, segmentada na Rua da Judiaria Nova e na Rua das Chagas,

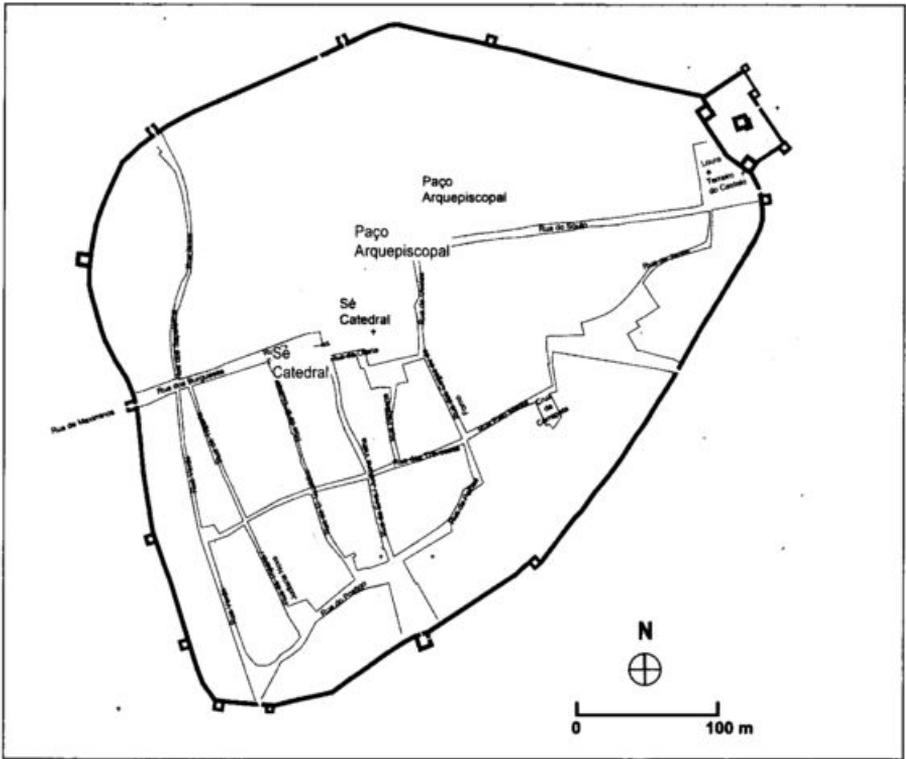


Figura 4 – Plano urbano da cidade medieval de Braga sobre a topografia do século XIX.

ou da Rua da Erva, posteriormente designada de Rua da Judiaria Velha, Rua de Santa Maria ou do Poço.

O sistema viário medieval é muito pouco hierarquizado, possuindo as ruas quase todas a mesma largura. A partir dos eixos que sobreviveram até à actualidade podemos afirmar que, em média, eles deveriam possuir entre três a quatro metros de largura, como acontece com as actuais ruas de D. Gualdim Pais e de S. António das Travessas, que constituem, sem dúvida, os eixos medievais melhor conservado da cidade de Braga. A rua de maiores dimensões seria a Rua do Souto, cuja largura rondaria os cinco metros.

Os quarteirões medievais, em consequência da própria génese e morfologia do sistema viário, assumiram essencialmente duas tipologias. Existiam quarteirões pequenos, com forma geométrica, aproximadamente rectangular, os quais se localizavam sobretudo no Bairro das Travessas. Os outros eram de maiores dimensões, possuindo formas geométricas mais irregulares, localizando-se na parte norte e nascente da cidade, nas áreas que foram progressivamente incluídas dentro da cerca defensiva.

No que se refere ao parcelamento, bem como à tipologia da habitação corrente, a cidade medieval de Braga seria muito idêntica às restantes cidades da Europa Cristã. As parcelas seriam estreitas e alongadas, localizando-se o edificado junto à rua e os logradouros ou quintais no interior do quarteirão, como actualmente ainda é possível observar na Rua de D. Gualdim Pais. O facto das parcelas se adaptarem aos caminhos, de forma espontânea e não planificada, determinou que as fachadas do edificado fossem pouco regulares. Nas ruas mais importantes, esta situação começou a ser corrigida com a intervenção do arcebispo D. Diogo de Sousa, designadamente na Rua do Souto, na Rua Nova e na Rua de Maximinos. Nas outras, as intervenções urbanísticas dos séculos XVIII e XIX acabaram por ditar a destruição das características típicas do parcelamento e do edificado medieval.

A construção comum foi marcada pela componente vertical, com mais tendência para ocupar o espaço em altura do que em superfície, conformando edificados de estrutura paralelepípedica, que se subdividiam internamente de forma simplificada, algumas com lojas no rés-do-chão e habitações nos sobrados superiores. A maioria das casas medievais deveria ter possuído, inicialmente, apenas um piso térreo, com uma porta e uma janela. Gradualmente, devem ter sido sobradadas, aumentando a sua altura, marcada por novas janelas. Posteriormente, já nos finais da Idade Média, quer as portas, quer as janelas passaram a ser envolvidas por molduras em cantaria.

Em simultâneo com a evolução do espaço urbano desenvolve-se a ocupação e exploração do território extramuros, condicionadas pela persistência dos eixos viários antigos, articulados com a cidade romana, e pela existência de aglomerados populacionais desenvolvidos em torno das antigas basílicas paleocristãs, agora convertidas em igrejas.

Segundo alguns autores, a cidade de Braga possuía, nos finais da Idade Média “uma imagem de pequenez, modéstia e até pobreza” (Marques 1983), sobretudo quando comparada com outros núcleos urbanos como Guimarães (Ferreira 1997) ou o Porto (Marques *et al.* 1990). Todavia, se era pequena no século XV foi-o ainda mais nos séculos anteriores. Comparativamente ao primitivo núcleo amuralhado, a cerca fernandina delimitará uma cidade que conheceu um forte aumento da área urbana, que duplicou praticamente a sua área. Todavia, a cidade dos finais da Idade Média, pouco havia crescido para a periferia, pois, na realidade, o número de habitantes que possuía era muito reduzido, situação que só se alterará nos inícios da Idade Moderna (Marques 1988), facto que permitiu que a cidade crescesse para o espaço suburbano e urbanizasse alguns dos seus caminhos e áreas periféricas.

A cidade moderna

Na Idade Moderna a cidade de Braga conheceu a convergência de um número significativo de factores que determinaram o seu crescimento para a periferia, originando uma grande cidade, comparativamente à medieval e quase igualável à romana.

As importantes funções religiosas desempenhadas por Braga encontram uma verdadeira expressão urbanística com D. Diogo de Sousa, na primeira década do século XVI. Na realidade, a intervenção deste arcebispo ficou marcada pela introdução de uma nova concepção urbana, assente, desta feita, numa planificação do espaço. O seu projecto consistiu na abertura de praças e de ruas, numa tentativa de racionalizar a circulação da cidade. As alterações realizadas, quer no interior, quer no exterior do espaço urbano, encontram-se bem comprovadas nas fontes histórico-documentais, sendo o *Mapa de Braunio* o documento que melhor ilustra as suas reformas urbanísticas. De facto, D. Diogo de Sousa teve um papel preponderante na definição das linhas mestres do crescimento urbano da cidade moderna, mas, também, na sua renovação

arquitectónica, atraindo para a cidade artistas biscainhos que introduziram em Braga o estilo renascentista, designadamente através da decoração gótica tardia/manuelina.

A nível do centro urbano cabe destacar o aparecimento de novas ruas e praças que determinaram um tecido urbano mais regular, destacando-se pela maior largura das ruas e pelo aparecimento de parcelas mais homogéneas, também elas com uma frente maior para a rua e um menor desenvolvimento em profundidade. Paralelamente, as construções adquirem uma nova dimensão arquitectónica, inspiradas nos padrões clássicos, retomados no Renascimento. A Rua de S. João do Souto constitui, ainda, actualmente, um exemplar bastante notório das alterações morfológicas registadas no núcleo urbano a partir do século XVI.

Uma importante alteração urbanística que se observa na cidade moderna decorre da perda da funcionalidade defensiva da muralha fernandina, circunstância que irá originar o aparecimento de construções na sua envolvente e a formação de espaços viários circundantes da muralha, que paulatinamente serão urbanizados. Por sua vez, o crescimento periférico da cidade moderna e a morfologia decorrente da urbanização das vias limítrofes do centro urbano, bem como daquelas que o ligavam à envolvente, merecem particular destaque, por formalizarem e consolidarem definitivamente o plano radiocêntrico que irá pautar o crescimento de Braga até ao século XX. A Planta da cidade, elaborada no século XIX por Belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel, na escala 1:4000, apresenta uma imagem muito sugestiva das alterações morfológicas que têm início na Idade Moderna, com as transformações decorrentes da intervenção urbanística de D. Diogo de Sousa.

Aproveitando a grande maioria dos caminhos suburbanos, herdados muitos deles da época romana, a cidade liga-se mais intimamente às paróquias suburbanas, através da construção de novos edifícios que desde a cidade se estendem até à periferia, assumindo uma forma verdadeiramente radial.

No século XVI e fazendo nossas as palavras de Senna Freitas, *Braga assemelhava-se a uma aranha, por ter pequeno corpo e grandes pernas, tendo nos espaços intermédios quintas, campos e hortas. No interior era fortificada por um espesso e elevado muro* (Freitas 1890:23).

Em virtude da própria ruralidade que caracterizava a zona envolvente e da falta de planeamento que regresse a construção nas suas margens, o parcelamento dominante ao longo das vias que ligavam a cidade à periferia caracteriza-se pelo predomínio da parcela gótica, com uma frente pequena para a rua e um amplo desenvolvimento em profundidade para o interior. A acompanhar este tipo de parcela encontramos, sobretudo nas zonas mais distantes do centro urbano, as casas de habitação típicas, formadas, no piso térreo, por uma porta e uma janela e, no piso superior, quando existe, uma ou duas pequenas janelas.

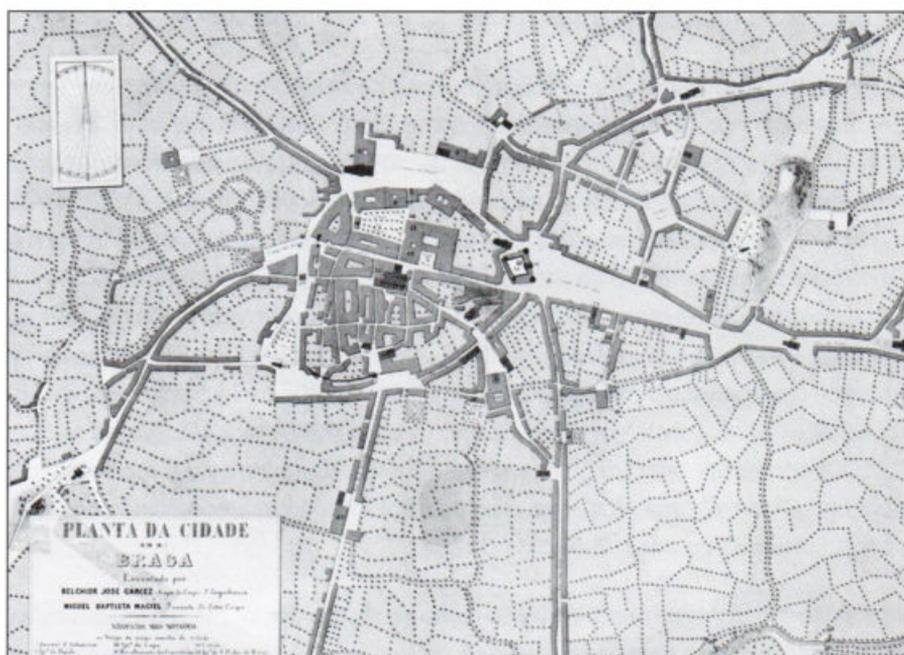


Figura 5 – Planta da cidade de Braga do século XIX.

Todavia, nas ruas que passam a circundar o perímetro da cidade medieval as parcelas adquirem, por vezes, maiores dimensões, muito embora, os pequenos lotes surjam mesclados com outros mais regulares e maiores, onde a cons-

trução, para além de possuir uma frente mais larga para a rua, desenvolve-se igualmente em profundidade. A existência de mais espaço justifica um conjunto de novos edifícios de tipo burguês, construídos desde o século XVI (Ribeiro 2008). Contrariamente ao que se verifica no interior da cidade, o sistema de ruas periféricas origina grandes quarteirões irregulares, que começaram a desaparecer à medida que surgem novas ruas, sobretudo ao longo do século XIX.

De igual modo, alguns dos edifícios que integram a cidade actual conservam ainda as características arquitectónicas e tipológicas dos inícios da Idade Moderna, designadamente as que foram edificadas nas novas artérias que surgem no exterior da muralha medieval, mas, também, em zonas intramuros.

A cidade moderna de Braga irá atingir o seu ponto áureo com a adopção dos modelos da cidade barroca que vão dominar o cenário urbano bracarense a partir do século XVIII, mais uma vez sobre influência dos arcebispos e pelas mãos dos arquitectos bracarense André Soares (1720-1769) e Carlos Amarante (1748-1815).

Conclusões

A cidade de Braga constitui um exemplo particularmente feliz para o estudo da evolução da morfologia histórica dos núcleos urbanos. Desde logo, porque corresponde a um espaço que viu sucederem-se diferentes cidades, num período temporal longo, com mais de 2000 anos. Depois, porque dispõe de um acervo bastante coeso e diversificado de fontes. Finalmente, porque a sua evolução foi lenta, facto que permitiu a longa permanência de marcas materiais das anteriores ocupações, que se integraram no tecido construído, sobrevivendo, por isso, ainda na actualidade.

Graças ao cruzamento de dados de natureza distinta foi possível elaborar plantas interpretativas para as três primeiras grandes fases históricas de ocupação da cidade (romana, medieval, moderna) e analisar a transformação de aspectos concretos da morfologia urbana, designadamente, o sistema viário, o

parcelamento, os quarteirões e alguns edificados, considerados estruturantes na morfologia urbana, como acontece com as muralhas.

Os resultados alcançados permitiram destacar: a relevância da Arqueologia Urbana enquanto fonte insubstituível para o conhecimento das etapas mais antigas de ocupação das cidades e para a caracterização das alterações ocorridas nos elementos estruturantes do espaço urbano; as potencialidades oferecidas pelas fontes iconográficas e cartográficas para proceder a uma avaliação das alterações urbanísticas, mesmo para os períodos anteriores ao século XVI; o interesse da aplicação de uma metodologia de levantamento sistemático das marcas materiais conservadas e fossilizadas na paisagem urbana actual, enquanto indicadores dos elementos que caracterizam a morfologia urbana.

Todavia, julgamos ter demonstrado que o estudo dos sucessivos planos urbanos e dos espaços construídos não constitui uma tarefa linear. Equacionar teórica e metodologicamente uma matéria tão complexa como a morfologia urbana, exige uma percepção transdisciplinar da cidade, bem como uma valorização dos factores endógenos e exógenos que influenciam a dinâmica da evolução urbana. Neste sentido, o estudo das cidades é tão rico em perspectivas, quanto extenso no tempo e variado em cada caso de estudo, exigindo o cruzamento de diferentes fontes e saberes e uma utilização sistemática da cartografia, instrumento fundamental para dar visibilidade e compreender as transformações, adaptações e reciclagens sofridas pelos diferentes componentes do plano urbano.

Nota

¹ Acerca da organização cadastral do território deve consultar-se H. Carvalho (2008).

Bibliografia

- Allain, R. (2005) *Morphologie urbaine. Géographie, aménagement et architecture de la ville*, Paris: Armand Colin [publicação original: 2004].
- Caniggia, G. & Maffei, G.L. (1984) *Composizione architettonica e tipologia edilizia. 2. Il progetto nell'edilizia di base*, Venezia: Marsilio.
- Capel, H. (2002) *La morfología de las ciudades*, Vol. I – *Sociedad, cultura y paisaje urbano*, Vol. II – *Aedes facere: técnica, cultura y clase social en la construcción de edificios*, Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Carvalho, H. (2008) *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracaraensis*, tese de doutoramento, poliocopiada, Braga, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, <<http://hdl.handle.net/1822/8755>>.
- Choay, F. (1970) *El urbanismo. Utopías y realidades*, Barcelona: Lumen [publicação original: *L'urbanisme, utopies et réalités* (1965)].
- Ferreira, M.C.F. (1997) *Guimarães: 'duas vilas, um só povo'. Estudo de História urbana (1250 1389)*, 3 vol., dact., (no prelo), Braga: Universidade do Minho.
- Fontes, L.; Lemos, F.S. & Cruz, M. (1997-98) 'Mais Velho' que a Sé de Braga. Intervenção arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar', *Cadernos de Arqueologia*, Vol. 14/15, série II, N.º 137-164, Braga.
- Fontes, L.; Martins, M.; Ribeiro, M.C.F. & Carvalho, H.P. (2009) 'A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII', *I Congreso Internacional Espacios urbanos en el occidente mediterráneo, entre los siglos VI-VIII*.
- Freitas, B.J.S. (1890) *Memórias de Braga*, Braga: Imprensa Católica.
- Lemos, F.S. (1999) 'O contexto geográfico da fundação de *Bracara Augusta*', *Forum*, N.º 25, Braga: pp. 81-94.
- Lemos, F.S. (2002) '*Bracara Augusta* – a grande plataforma viária do Noroeste da Hispânia', *Forum* N.º 31: pp. 95-127.
- Lemos, F.S.; Leite, J.M.F. & Cunha, A. (2007) 'A muralha romana (Baixo Império) de *Bracara Augusta*', Rodrigues Comenero, A. & Rodá de Llanza, I. (eds.), *Actas dell Congreso Internacional. Murallas de Ciudades Romanas en el Occidente del Imperio. Lvcvs Avgvsti Como Paradigma*, Lugo: Diputación Provincial de Lugo, pp. 329-341.

- Marques, A.H.O.; Gonçalves, I. & Andrade, A.A. (1990) *Atlas de Cidades Medievais Portuguesas (Séculos XII a XIV)*, Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa/Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Marques, J. (1983) *Braga medieval*, Braga.
- Marques, J. (1988) *A arquidiocese de Braga no Séc. XV*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Martins, M. (2000) *Bracara Augusta cidade romana*, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Martins, M. (2004) 'Urbanismo e Arquitectura de *Bracara Augusta*. Balanço dos contributos da Arqueologia Urbana', Ruiz de Arbulo, J. (ed.) *Simulacra Romae. Roma y las capitales provinciales del occidente europeu. Estudios Arqueológicos*, Tarragona: Consorcio Urbium Hispaniae Romanae, Museu d'Història de Tarragona, pp. 149-173.
- Martins, M. (2006) '*Bracara Augusta*: a Roman town in Atlantic area', Abal Casal, L., et al. (eds.), *Early Roman Towns in Hispania Tarraconensis*, Portsmouth: Rhode Island, pp. 213-222.
- Morris, A.E.J. (1992) *Historia de la forma urbana: desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial*, Barcelona: Collección Arquitectura/Perspectivas. Editorial Gustavo Gili S.A. [publicação original: *History of Urban Form. Before the Industrial Revolutions (1974)*].
- Mumford, L. (2004) *A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*, São Paulo: Martins Fontes [publicação original: *The city in History – its origins, its transformations and its prospects (1961)*].
- Panerai, P.; Depaule, J.-C. & Demorgon, M. (2005) *Analyse urbaine*, Marseille: Éditions Parenthèses.
- Panerai, P.; Depaule, J.-C.; Demorgón, M. & Veyrenche, M. (1983) *Elementos de Analisis Urbano*, Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local [publicação original: *Eléments d'analyse urbaine (1980)*].
- Ribeiro, M.C.F. (2008) *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução do espaço urbano*, Tese de Doutoramento em Arqueologia, Área do conhecimento em Arqueologia da Paisagem e do Povoamento. Universidade do Minho (policopiado), <<http://hdl.handle.net/1822/8113>>.

Resumo

O presente trabalho constitui uma síntese dos resultados obtidos num estudo sobre a morfologia da cidade de Braga, desde a sua fundação romana até à Idade Moderna. Para além da análise sincrónica da topografia da cidade nas épocas romana, medieval e moderna, procurámos, ainda, valorizar os mecanismos históricos responsáveis, quer pela preservação, quer pela mudança dos elementos que caracterizam os planos urbanos, tendo em vista perceber a evolução diacrónica dos espaços físicos construídos. A concretização deste trabalho foi possível graças à utilização de uma metodologia multidisciplinar, que procurou valorizar os diferentes componentes do espaço urbano, como sejam, o plano, o sistema viário, as parcelas, os quarteirões e o edificado. O estudo da topografia histórica de Braga privilegiou o cruzamento de diferentes fontes de informação, designadamente, arqueológicas, iconográficas, cartográficas e histórico-documentais, mas, também, as marcas fossilizadas na paisagem urbana e no edificado actual, as quais foram objecto de um estudo de campo particular, usando uma metodologia de abordagem inspirada na Arqueologia da Arquitectura.

Palavras-chave: Braga; urbanismo; topografia urbana; história urbana.

Abstract

This paper aims to give a summary of the results of a study about the urban morphology of Braga, from its Roman foundation to the Modern ages. In addition to a synchronic topographic analysis of the city in Roman, medieval and modern times, we also use the historical mechanisms responsible, either by conservation or by changing the elements that characterize urban plans in order to understand the diachronic evolution of physical built spaces. This work was possible thanks to the use of a multidisciplinary approach, which sought to highlight the different components of urban space, such as the plan, the road system, parcels, street blocks and buildings. The study of the historical topography of Braga focused on the intersection of different information sources, namely, archaeological, iconographic, cartographic and historical documentary, using also the fossilized markers present in the urban landscape and existing buildings, which were the subject of a field particular study, using a methodological approach based on the Archaeology of Architecture.

Key-words: Braga; urbanism; urban topography; urban history.